

“PILOTAR FOGÃO?” – UMA ANÁLISE DISCURSIVA ENTRE O RESTART DE IDEIAS E A REPRODUÇÃO DE SENTIDOS

Marilda Aparecida Lachovski ¹

No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra. (Perrot, 2005, p. 33)

Resumo: A partir do aporte teórico da análise de discurso, logo considerando a língua atravessada pela história, propomos no presente texto, uma reflexão sobre as formas de naturalização, na e pela repetição de que “lugar de mulher é na cozinha”, como constitutiva de discursos autoritários. Recortamos para tanto, uma peça publicitária da Chevrolet, com o modelo Tracker, na qual o enunciado “vai pilotar fogão”, faz ressoar as memórias sexistas e que relegam à mulher o espaço privado, casa e cozinha, como lugares que as significam. Logo, objetivamos a análise desses saberes como aqueles que compõem o imaginário e que, nas atuais condições de produção, reclamam outras leituras num presente que se desdobra e se ressignifica, afetando sujeitos e sentidos.

Palavras-chave: discurso; mulher; repetição; memória.

“Pilot stove?” – a discursive analysis between the restart of ideas and the reproduction of meanings

Abstract: From the theoretical contribution of discourse analysis, then considering the language crossed by history, we propose in the present text, a reflection on the forms of naturalization, in and through the repetition that “a woman’s place is in the kitchen”, as constitutive authoritative speeches. For this purpose, we selected a Chevrolet advertising piece, with the Tracker model, in which the statement “will drive a stove”, echoes sexist memories that relegate the private space, home and kitchen, to women as places that signify them. Therefore, we aim to analyze this knowledge as that which composes the imaginary and which, in the current conditions of production, claim other readings in a present that unfolds and re-signifies itself, affecting subjects and senses.

Keywords: discourse; woman; repetition; memory.

¹ Doutora em Letras - Estudos Linguísticos. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria UFSM/ RS. Linha de pesquisa: Língua, Sujeito e História. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/PR), Letras e suas Interfaces - Estudos Linguísticos. Estágio pós-doutoral em andamento, Unicentro/PR. Bolsista CAPES.

1 Por uma breve introdução: mulheres ao volante

A montadora Chevrolet, a partir da campanha #RestartIdeias, pôs em circulação a peça publicitária, com o modelo Tracker 2020, um SUV, historicamente lançado no mercado destinado ao público masculino. Neste sentido, segundo a Chevrolet, a campanha tem como motivação “mexer com as estruturas da categoria de SUVs com um posicionamento pautado em barreiras vividas por mulheres”². O novo modelo da categoria, em sua narratividade, faz um convite para as pessoas “deixarem conceitos ultrapassados”, incentivando um #RestartIdeias, ou seja, atesta para um retorno possível aos modos de pensar (e agir), colocando em questão as urgências do presente.

Para a peça, foram colocadas mulheres que, de certo modo rompem com esses ditos conceitos ultrapassados, e aparecem nela, algumas mulheres “bem sucedidas”, tais como a surfista e campeã brasileira Yanca Costa; a diretora-executiva da Engenharia Global de Chassis da GM, Fabíola Rogano; a piloto de avião Helena Lacerda; a médica Andrea Ortega, e por fim, a chef Paola Carosella, que ficou conhecida por sua participação no programa Masterchef Brasil, veiculado na Band.

Como mote principal, temos na peça, uma cena comum no trânsito, uma parada no sinal, uma mulher dirigindo, buzina e um homem que logo grita: “vai pilotar fogão”. Na sequência, mulheres, em diferentes posições no mercado de trabalho e carreira, tomam como indagação uma parte do mesmo enunciado proferido e, pela repetição do “pilotar fogão”, são colocados na tela, na parte inferior, seus nomes e respectivas funções, também consideradas por muito tempo, masculinas. A última participação é da chef, que tem sua profissão ligada diretamente ao fogão e à cozinha, e possivelmente, por essa motivação, Carosella complementa o primeiro enunciado:

2 Apresentação da campanha disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/chevrolet-tracker-propoe-restart-de-ideias/>; acesso em 17/04/23.

– “pilotar fogão? Como se isso fosse um problema. Nós pilotamos o que a gente quiser”³.

É por essa entrada que atentamos aqui para a (re)produção de sentidos não só sobre a mulher, mas como o discurso autoritário reforça o privado, bem como as “obrigações” de casa como única possibilidade para a significação da mulher, numa tentativa de naturalização dos modos de significar o social, entendido como lugar de prevalência do masculino.

2 Sinal amarelo: repetição e naturalização em discurso

Quando nos remetemos à retomada do enunciado “vai pilotar fogão”, o fazemos a partir da noção de repetição, uma vez que de tanto serem repetidos, alguns discursos fazem história – entram na ordem do natural, reforçado e legitimado pelas relações de poder – masculinas ou masculinizadas. A propaganda, como parte desse movimento, amparada na cristalização de determinados saberes, traz à tona, de acordo com as condições de produção às quais se inscreve em momentos específicos, a necessidade de comunicar, atender e projetar aquilo que se faz urgente entre os seus consumidores.

Entre as necessidades, está a quebra de algumas repetições que demandam a posição machista e autoritária, na divisão de valores e atribuições de habilidades separando o que é, masculino e feminino. O lugar historicamente destinado à mulher, é posto em questão, em dúvida. Sendo assim:

Os efeitos de retomada são também modos de variação e mobilidade dos sentidos, uma vez que determinam em cada situação (espaço, tempo e condições de produção), o que, como, quando e por quem devem ser lembrados, repetidos, regularizados ou ainda esquecidos e silenciados, tanto os sentidos como também os enunciados. É pela retomada, no não vazio da formulação anterior, no já dito, que os sentidos são postos em movimento, na ruptura do estabilizado abrindo-se para a paráfrase. (Lachovski, 2021, p. 111)

3 A peça está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dmzu2QQspwo&t=2s>; acesso em 17/04/23.

Esse processo, segundo Achard (1999), estrutura-se pela relação entre repetição e regularização, uma vez que a segunda, “se apoia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um jogo de força, este fundador [...]” (Achard, 1999, p. 15), enquanto a repetição se dá, de acordo com Orlandi (1988), sob três formas: a primeira, é a empírica, como aquela que não historiciza o dizer, apenas o exercita; a segunda seria aquela na qual se estabilizam as regras de sintaxe e de “técnicas para se produzir frases”, e a terceira como “formulação que produz um dizer no meio dos outros inscrevendo o que se diz na memória constitutiva”, ou também entendida como repetição histórica. (Orlandi, 1998, p. 12).

A partir desses índices de retomada e repetição, abrimos, na e pela história, um breve caminho, já sabido, mas “esquecido”, da participação de mulheres nessa parte de mercado, consumo e também de lazer, destinado na formação do imaginário social, como masculino. Tomamos, entre muitos outros, três momentos em que, historicamente se fez a relação entre o sujeito mulher e o automóvel. Bertha Benz, por exemplo, ficou conhecida como a “mãe do automóvel”, sendo a primeira piloto de testes, em 1888, período no qual seu marido teria inventado o carro motorizado e, inseguro, não teria tido a coragem de mostrar sua invenção ao mundo. Bertha então saiu em uma viagem de 100km e chegou a parar no meio do caminho para pedir que um sapateiro costurasse tiras de couro nas pastilhas de freio, afinal, ela percebera que o sistema não funcionava tão bem assim.

Na França de 1889, a duquesa Anne d’Uzés tornou-se a primeira mulher do mundo a obter habilitação para dirigir. No mesmo ano, foi também a primeira mulher a ser multada por excesso de velocidade, trafegando a 15km/h em ruas onde o limite era de 12km/h. Foi ela também quem fundou o primeiro clube feminino do automóvel em seu país.

No Brasil, as pioneiras em conseguir habilitação para dirigir foram Maria José Pereira Barbosa Lima e Rosa Helena Schorling, na cidade de Vitória, Espírito Santo, em 1932. De lá para cá, muitas outras mulheres assumiram papéis importantes, não só como pilotas, mas produzindo modelos, desde a pesquisa até a montagem final de cada um.

Estamos aqui considerando essa modalidade profissional, mas poderíamos elencar outras tantas profissões, as quais por muito tempo foram tomadas como legitimamente destinadas aos homens. É a partir do #Restartideias, amparado nessa historicidade que a marca desenvolveu a campanha, colocando em sua descrição não só as mulheres em cena, mas aquelas que organizaram todo o processo, e segundo os mesmos criadores, como uma “missão para sensibilizar a sociedade”, estabelecendo um compromisso para com as mudanças necessárias, no presente.

Logo, se consideramos a palavra restart como verbo, reiniciar, pensamos na sua formulação enquanto imperativo para realizar retornos. Voltar atrás, rever, retornar e desconstruir ideias. Como destacamos acima, na língua, repetir e retornar aos sentidos, aos já ditos e que, ressoam, pela memória, é parte do processo de produção de sentidos, que sempre podem ser outros, como aprendemos com Pêcheux e Orlandi, todavia, historicamente, na intersecção entre tempo, espaço e sujeito, não é possível um reinício.

A história, na sua especificidade, não tem retorno, não é um real acessível aos sujeitos, sendo como nos aponta Paul Veyne (1998, p. 12), sempre um processo, sendo que “os historiadores narram fatos reais que têm o homem como ator; a história é um romance real”. Na história, não é possível fazer um restart – quanto ao tempo, lugar e sujeitos, mas é possível, pelo movimento da memória, não corrigir, mas fazer funcionar sentidos outros. Trazemos na sequência recortes da peça:

Recorte 1



Helena Lacerda - piloto de avião

Recorte 2



Paola Carosella - chef e empresária

Recorte 3



Yanca Costa - surfista profissional

Recorte 4



Andrea Ortega - cirurgiã

Sendo assim, a partir dos recortes acima, na construção da peça publicitária, seguimos numa tentativa de aproximação entre a história e a memória e a constituição do imaginário em torno dos lugares ocupados pelo sujeito mulher.

3 Sinal vermelho: repensando o *lugar de mulher*

Segundo Perrot (2005), pensar a mulher na e pela história, é adentrar as zonas do esquecimento às quais foram inscritas, de modo que o silêncio imposto “é, um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento”, além disso, silenciadas em espaços públicos e privados, nas assembleias gestadas e controladas pelo masculino, e na obediência da ordem: “Seja bela e cale a boca”,

as mulheres ocuparam sempre um lugar definido por homens, os grandes homens de negócio, os estudiosos, os políticos, e outros mais. (Perrot, 2005, p. 9 - 10). Mas, de acordo com a autora, as mulheres ao longo do tempo, não aceitaram mais essas condições, resistiram, e fizeram desse mesmo silêncio uma arma contra a dominação masculina.

Como constitutivo desse processo de emancipação, não podemos deixar a reflexão em torno do corpo como fundamental. Se nos remetemos à história do corpo, inevitavelmente saberemos que o corpo feminino foi, ao longo do tempo, mais vigiado, contido, punido e silenciado; uma vez que no imaginário social esse corpo sempre fora frágil e dócil⁴.

⁴ A partir dessas considerações destacamos nosso interesse por essa temática tal como colocamos no texto intitulado “O corpo como lugar de produção de sentidos: uma análise discursiva”, disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3792/3610>; acesso em 26/04/23.

Nesse sentido, o corpo, na perspectiva que assumimos é um “corpo falado pelas palavras, pela língua”. (Ferreira, 2013, p. 100), ou seja, é parte da materialidade que constitui o sujeito na sua relação com a linguagem, com os sentidos, no tempo e no espaço que o situa e também o condena a (re)significar, num processo que intangível, está inscrito e dividido entre a língua funcionando e a história produzindo o descompasso entre as temporalidades, logo sobre o real de si mesma e da língua.

Para tanto, é necessário analisar como um determinado discurso mobiliza efeitos de sentidos e discursos, segundo Pêcheux (1997, p. 82), em sua definição posta de discurso como “efeitos de sentidos entre interlocutores”, e por essa via, situamos o corpo como objeto discursivo no e pelo qual a língua encontra lugar de visibilidade, de materialidade e de significação, ou ainda como também um lugar de observatório da língua em sua materialidade.

Segundo Lacan, é pelo corpo que podemos nos “tornar presentes uns para os outros” (Lacan, 2005, p. 100), e logo, esse efeito, de tornar presente, refere-se a uma espécie de identificação – uma possibilidade de contornar a falta. E na relação que estabelecemos, situamos a língua como esse lugar possível de tornar visível o sujeito. A falta, da qual trata Lacan é sempre um reflexo, logo, constitui o sujeito através desses furos. Neste sentido, há segundo Lacan (2005), choque, luta. Não é uma relação plena nem homogênea.

Correlativamente, a formação do *Eu* simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna para sua muralha, para seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se embaraça na busca do altivo e distante castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta no mesmo cenário) simboliza o *isso* de maneira surpreendente. (Lacan 2005, p. 101)

A partir de Lacan (2005), podemos dizer que a “luta” do sujeito que se desdobra em sua

interioridade/exterioridade é sempre indício de uma falta, mas que é pela mesma falta, constitutiva de sua identificação, que lhe é posto o desejo como necessidade de preenchimento dos “furos”. A falta é, ao mesmo tempo, causa do desejo e percurso para que o objeto desse desejo seja possível, recaindo sobre um sujeito sempre faltoso, desejante. É no jogo da relação entre *o que é* e *o que poderia ser* que o sujeito se constitui duplamente: como efeito de linguagem (pelo desejo e pela falta, constitutivos de sua condição, mas também pelo caráter heterogêneo e faltoso da linguagem), e como assujeitado (no funcionamento da ideologia, pelo trabalho do inconsciente).

O não pertencimento do corpo (sobretudo o feminino) aos parâmetros sociais se dá mais enfaticamente na Idade Média. Como terreno, está diretamente ligado aos céus, logo, não pertence ao indivíduo, mas a Deus, ao qual o homem deve obediência e gratidão, servidão e temor. A sociedade, por esse viés, é lugar no qual as ações humanas devem ser observadas, corrigidas e controladas, uma vez que o destino dela é alcançar um novo mundo, esse sim, perfeito e igual. O pecado surge como obstáculo para tal empreitada e funciona como espécie de gatilho para que a divisão social se estabeleça e se legitime pela instituição Igreja. Não sendo dono de seu corpo, o sujeito deve, como ordem e ensinamento do sagrado, auto vigiar-se, controlar-se e punir-se.

O corpo violado é lugar no qual o pecado se apresenta como inimigo de Deus, portanto, suas vontades e desejos devem ser combatidos, expurgados. Tirar de si e do outro o pecado que conduz à perdição é condição para que o sujeito seja aceito e inserido no grupo social, e, sobretudo, na forma institucional de sociedade, condicionada pela fé. É também o período no qual o homem é impedido de saber sobre o corpo, pois este, não é propriedade sua, o corpo que habita, temporariamente, é apenas uma morada da alma que assim como sua forma corpórea, não lhe pertence.

É na renascença que o corpo passa a ser vislumbrado como ponto de interesse, de atributos e de valores. Entra em cena o corpo vital, o corpo saudável, pleno e racional, iluminado. A razão atua sobre e nele, perpassando suas ações na sociedade, nas suas práticas. É no Renascimento que o corpo adquire a dupla função: “é ao mesmo tempo receptáculo e ator face às normas prontamente enterradas, interiorizadas, privatizadas”, segundo o prefácio de *História do Corpo* (Corbin et al, 2010, p. 11).

É pelo uso da razão que o homem deve aprender a usar e habitar o corpo como investimento, logo, elementar na distribuição das normas e imposições (coletivas) e na liberdade de ser individual, no uso da razão como busca pela sua autonomia. Duplamente afetado pelo social e individual, é requerido do sujeito um corpo encenação: nem livre, nem preso, mas plural e dinâmico. Corpo objeto. (Corbin et al, 2010, p. 18).

De acordo com os autores da coletânea acima citada, o sujeito ocidental é “o resultado de um intenso trabalho do corpo”, que opera sobre as dualidades coação/liberdade; igualdade/desigualdade, que permeiam um processo de historicização do corpo ainda como “‘ponto-fronteira’ entre o social e o sujeito”, uma vez que é pela imposição da vigilância, da contenção dos impulsos, e das “coisas do corpo que foi possível multiplicar os comportamentos submissos ao íntimo, as experiências consideradas incomunicáveis, a vigilância mais profunda das sensações internas e dos fenômenos de consciência”. (Corbin, et al, 2010, p. 12-13).

É esse corpo corrigido que adentra o período das revoluções. O século XVIII traz em seu bojo, o poder como desejo e objeto, uma vez que como desejo está ligado aos modos de sua manutenção a toda prova, seja pela paz, seja pelo temor; como objeto, faz valer sua eficácia pelas punições e suplícios. A Revolução Industrial produz um abalo nas estruturas sociais, e no advento das produções fabris, (re) produz também o homem: manipulado, fechado no

espaço privado e contido em suas ações públicas. O corpo máquina não deve ser afeito às paixões, aos devaneios, mas antes amparado nas técnicas e no manejo delas.

No período do terror, o corpo é lugar de entraves políticos, e não mais se precisa punilo demoradamente. Estabelece-se uma espécie de igualdade de controle, regida por padrões de eficácia e de tempo: o rei e o servo, ambos estão expostos aos mesmos modos de vigilância e punição. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade gritam aos ouvidos da sociedade, não só da França, mas de todo o mundo, uma construção anunciada. O corpo, nesse processo, já não está posto na ambivalência carne e alma, mas aos poucos assume um lugar nas discussões gestoras do social. É exposto, visto e analisado; é aparente e profundo; é postura, porte e movimento; compondo “uma fábrica social”, é inscrito num “contexto social e ideológico”, pois só assim, “o indivíduo sente-se atingido, observado, desejado, impelido *em e por* seu corpo. Corpo existido e corpo alienado”. (Corbin et al, 2010, p. 09). (grifos nossos). Corpo espaço.

O espaço que ocupa é delimitado, é ele mesmo, enquanto corpo e sujeito, um espaço, mas que possui desdobramentos: é físico e material, mas é também tocado, sentido, visto e dado a ver, manipulado, é “objeto de ciência”. Ou ainda:

[...] o sujeito – o eu – existe somente encarnado; nenhuma distância pode se constituir entre ele e seu corpo. Todavia, o corpo transcende o eu a toda hora no – ou pelo – sono, na fadiga, na possessão, no êxtase, na morte. (...). As modalidades da união da alma e do corpo – posteriormente, do psíquico e do somático – não cessam de ocupar os discursos. (...). Corpo da ciência, do trabalho, o corpo produtivo, experimental, e o corpo espiritualizado. (Corbin et al, vol. II, 2010, p. 08-09)

Entendemos que é por ser um corpo delimitado e encarnado que lhe é negada a ação, os modos de resistência e de luta, uma

vez que ao ultrapassar esses limites postos pela ideologia dominante, foge à regra, quebra o ritual e falha. por falhar, por romper com a aura de universalidade e naturalidade, é contido em *suas* aparentes ações espontâneas, ou ainda, nas *suas* reações aos modos de sua (des)subjetivação. São nesses “efeitos falhados do assujeitamento” que, segundo Haroche (1992), se produzem “aquilo que pode ser, do ponto de vista do Estado, a marginalidade, a dissidência, tudo o que pode representar um perigo político, crítico para o Estado, então contestado”. (Haroche, 1992, p. 211).

São também essas falhas que conduzem ao conflito no corpo social, gerando uma destruição lenta e gradativa da sociedade em sua constituição. É também por essas falhas que o medo irrompe, sob duas vias: o medo do sujeito em resistir ao poder instado pelo Estado e logo gerenciador das formas de contenção e domínio; e o medo do Estado de que sujeito se rebele, e vá contra o pensamento objetivo e regulador, que promova, por essa ação, a desestabilização do poder e dos seus modos de existência.

Eis aí as condições para a autoridade, entendida e posta em prática, mais uma vez pelo masculino. Se o corpo significa o sujeito, o inscreve materialmente no social, a falsa ideia de um corpo frágil e dócil, feminino, é rompida - instaura-se na resistência. É nas falhas (do Estado e das práticas jurídicas), e nas faltas (constitutivas do sujeito), que a história das mulheres se estrutura, deslocando a ideia de que há um lugar que a significa, e possibilitando que ocupe outros e quaisquer lugares, significando.

4 Sinal verde: mulheres no trânsito (da história) em (dis)curso

Depois dessa entrada, nos remetemos uma vez mais, aos modos de dominação e autoridade (im)postos na peça em análise. O enunciado “vai pilotar fogão”, não sendo apenas o uso do imperativo, como ordem e veículo do discurso sexista, é a delimitação de um lugar já saturado

de memórias. Apaga-se a história para que se possa repetir que lugar de mulher é na cozinha. As mulheres que aparecem na peça publicitária, são pilotas, empresárias, chef, logo são lugares, ou posições sujeito que demandam disciplina, saber, força - atributos ainda vistos como pertencentes aos homens, mas que se esvaem de sentidos nesse restart, não só de ideias, mas discursivamente, desde a pergunta que estrutura a peça: “pilotar fogão?”

A resposta para a questão é respondida pelas imagens, mulheres em suas funções nas respectivas empresas e pilotando o modelo Tracker, da Chevrolet, numa situação corriqueira de trânsito, horário possivelmente de pico, no qual todos têm pressa. Finalizada com a resposta de Paola Carosella, os implícitos funcionam: ela sabe o que é pilotar fogão assim como pilota o carro vendido pela marca. Neste sentido, para Achard (1999, p. 13):

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo.

A presença da mesma e a retomada de sua condição – que coordena uma cozinha e uma empresa, desestabiliza o já dito. Por um processo metonímico, no enunciado “Nós pilotamos o que a gente quiser”, gente, retoma todas as mulheres, empresárias, chefs ou não, e produz o deslocamento dos sentidos da cozinha como lugar da mulher, que só sabe pilotar fogão. Rompe também quando, pelo interdiscurso, sabemos que ela, ocupando a posição sujeito chef, ainda fazia parte do programa Master Chef, veiculado na rede Bandeirantes, e que lá demandava muitos esforços para que os participantes, independente do gênero, se esforçassem muito.

Ainda reforçando essa ruptura, quando no final da peça ela aparece na cozinha, tem um homem ao seu lado - logo, estabelece-se que esse lugar é de homens e de mulheres.

São produzidos, portanto outros efeitos de sentido, já que “toda produção discursiva que se efetua em condições determinadas de uma conjuntura provoca movimentos, faz circular formulações já enunciadas” (Venturini, 2009, p. 107). Logo, pelos efeitos de retomada, como modos de seleção do que deve e pode ser lembrado, repetido e regularizado, os saberes advindos dessas formações discursivas entram em confronto e instauram a quebra, a paráfrase. Sendo assim, como já destacamos no início, as noções de regularização e repetição, são para Achard (1999), interconstitutivas e organizam os índices de retomada. A formação discursiva é a noção definida por Pêcheux (1997, p. 160) como:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (Pêcheux, 1997, p. 160)

Assim, a formação discursiva determina o que pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura. A paráfrase, como a possibilidade de os sentidos sempre serem outros, como o mesmo espaço do dizível, de acordo com Orlandi (1998), desdobra-se no cômico, no inusitado. A resposta da chef, como aquela que pode dizer, que tem autoridade para falar sobre o ato de “pilotar fogão”, rompe e provoca o riso, além de abrir outra possibilidade, também estruturada pelo imaginário - homens não lidam bem com a cozinha.

São, portanto, saberes de duas formações discursivas que entram em atrito e reproduzem sentidos que inscritos nas formações ideológicas desestruturam o “logicamente estabilizado”,

como nos ensina Pêcheux (1990), logo, é produzido como verdadeiro e inquestionável. O efeito desse discurso verdadeiro se dá pela “tomada da palavra”, como gesto de interpretação do sujeito e que demanda a sua relação com o interdiscurso - com tudo aquilo que já foi dito e que constitui essas formações discursivas, inclusive aquela à qual está inscrito como sujeito.

Courtine (2016, p. 23), postula que o enunciado estrutura os elementos de saber que são próprios de uma determinada formação discursiva, sendo “uma forma, ou um esquema geral, que governa a repetibilidade no seio de uma rede de formulações”. Essa série de reformulações possíveis, como “conjunto estratificado e desnivelado” próprio das formulações possíveis, reenvia-as para o interdiscurso, para a “dimensão vertical” (Courtine, 2016, p. 23):

o interdiscurso de uma FD, como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber de uma FD, pode ser também aquilo que regula/regra o deslocamento de suas fronteiras (Courtine, 2016, p. 23).

Logo, o lugar de mulher, na cozinha ou no trânsito, pilotando fogão, ou um modelo Tracker, se faz discursivamente no jogo entre a fala autoritária do homem, logo no início da peça, pelo enunciado “vai pilotar fogão”; e nas respostas dadas pelas várias mulheres que compõem o vídeo. São saberes acessados de modos distintos mas, têm limites muito tênues, considerando que as formações discursivas se entrecruzam, estabelecem entre si relações de aproximação, de interferência.

5 Sob o efeito de fechamento...

A partir da publicidade como lugar de observação do discursivo, consideramos a peça da Chevrolet, fazendo circular o modelo da Tracker, como um SUV, de alto rendimento e um produto desejado/consumido pelo sujeito

mulher, colocamos em análise os modos de repetição e regularização do discurso autoritário e sexista na e pela história, que considera ainda, a cozinha como metonímia do espaço privado, como lugar que significa a mulher. Assim, metaforicamente, na construção da nossa escrita, tomamos emprestados os sinais de trânsito, numa tentativa de rompermos e/ou refletirmos teoricamente sobre os modos como esses discursos têm se firmado e até mesmo sendo legitimados como verdadeiros e postos em prática na atualidade.

Apesar de termos conseguido alguns avanços neste sentido, é a inscrição da então chamada história das mulheres que tem jogado luz sobre essas temáticas e sobre como os dispositivos dos Aparelhos Ideológicos de Estado (Althusser, 1985), contribuem para essa legitimação. Logo, revisitamos as noções de repetição e regularização, formação discursiva e paráfrase, pensando em como a publicidade em tela produz, em sua construção e parte de sua lógica de mercado, a possibilidade de um restart - um reinício, ou um retorno. Esse restart, como apontamos, demanda a reflexão e ruptura dos velhos modelos de autoridade e que subordinam a mulher a um lugar, como sua única possibilidade de significação.

Amparados no aporte teórico da análise de discurso, numa relação com a história, estruturamos nossa reflexão, colocando em suspenso a relação entre a mídia, em sua função de comunicar e vender produtos, mas também, dentro da lógica capitalista, vender ideias e comportamentos. É por esse viés, que delimitamos nossa escrita, perguntando pelos gestos de interpretação possíveis frente à peça publicitária em análise.

Desvinculamos teoricamente e buscamos abordar os modos como a mulher, na atualidade, e apesar de muito esforço, luta e resistência, já ocupa e ocupará não só o espaço da cozinha, mas como disse-nos Paola Carosella, pilotando o que a gente quiser, isso na universidade, na vida pessoal e profissional, em todos os lugares

possíveis. O viver nas sombras e nos silêncios, por agora, ainda se faz em caminhos, traçados todos os dias...

Referências Bibliográficas

ACHARD, Pierre et al. *O papel da memória*. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. 2ª ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. Prefácio à História do corpo. IN CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História do corpo: Da Renascença às luzes*. Tradução de Lúcia M.E. Orth; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves – 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COURTINE, J.J. *Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso*. Tradução de Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. Policromias; p. 14-35; junho 2016.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo*. REDISCO. p. 77 - 82. Vitória da Conquista, 2013.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu como tal nos revela a experiência analítica. In: LACAN, J. *Escritos*. p. 96-103. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 2005.

HAROCHE, Claudine. *Fazer Dizer, Querer Dizer*. Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

LACHOVSKI, Marilda Aparecida. O corpo como lugar de produção de sentidos: uma análise discursiva. *Revista Caletroscópio*. p. 181 - 197. Volume 8, nº 2. Ouro Preto, MG, 2020.

_____. Violência e dominação: o estado, a mídia e a (re)produção dos “despossuídos”. *Tese de doutorado*. 160 p. Santa Maria, RS, 2021.

ORLANDI, Eni P. *Párrafrase e polissemia: a fluidez no limite dos sentidos*. Revista Rua: Campinas, 1998.

PÊCHEUX, Michel. *Delimitações, inversões e deslocamentos*. Trad. José Horta Nunes. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP: Editora da Unicamp, n. 19. p. 7-24, 1990.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In.: Françoise; HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux GADET*. Tradução de Bethania Mariani et al. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Foucault revoluciona a história. Tradução Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Submissão : julho/2024

Aceite: agosto/2024